RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM DOS IDOSOS E ENVELHECIMENTO BEM SUCEDIDO*

ATLANTA SLOANE-SEALE**, BILL KOPS***

Resumo: esta pesquisa analisou a participação de alunos idosos de Manitoba, em atividades educacionais e a relação desta participação para um envelhecimento bem sucedido. A participação em atividades educativas é importante para uma compreensão mais inclusiva e abrangente de envelhecimento bem sucedido; a espiritualidade e o planejamento da vida são fundamentais para um envelhecimento bem sucedido.

Palavras-chave: aprendizagem. Idosos. Envelhecimento.

Os Centros para Idosos, na Província de Manitoba, foram estabelecidos como programas para promoverem educação, cultura, recreação e saúde para os idosos. Foram projetados para oferecer desafios para a criatividade, estimulação intelectual, prazer em aprender e domínio de novas competências para um grande número de pessoas ativas que se aposentaram (FLEMING, 1986). A filosofia desses centros é de que a aprendizagem promove bem estar intelectual, físico, emocional e social, onde o bem estar dos indivíduos e a saúde das comunidades são interdependentes. No Canadá, o envelhecimento da população irá crescer ao longo das próximas três décadas. Entre 2005 e 2036, o número de idosos aumentará de 4,2 para 9,8 milhões (TURCOTTE; SCHELLENBERG, 2007). A participação em atividades educacionais é vista como fundamental para o sucesso individual e social, porque promove o bem estar intelectual, físico, emocional e social (HAMMOND, 2004). Níveis mais altos de escolaridade estão geralmente relacionados a melhores resultados individuais, tais como renda, emprego, aprendizagem contínua e longevidade (NIACE, 2002; TURCOTTE; SCHELLENBERG, 2007). Assim, o nível socioeconômico, a localização geográfica, idade e

* Recebido em: 01.08.2012.
Aprovado em: 31.08.2012.

** Extended Education – University of Manitoba - Canadá.

*** Extended Education – University of Manitoba - Canadá.

sexo estão entre os fatores que influenciam sistematicamente os resultados da vida. Esse estudo apresenta análises descritivas de dados demográficos e analisa a participação em atividades educacionais, incluindo a saúde, o bem estar e o envelhecimento bem sucedido. Também fornece direção para a gerontologia educacional, para a aprendizagem ao longo da vida, a pesquisa em educação e da prática continuada. Para esse estudo foram considerados idosos aqueles com 55 anos ou mais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Uma revisão da literatura sobre aprendizagem de idosos sugere os benefícios saudáveis de uma educação permanente e os impactos positivos na qualidade de vida, segurança financeira, aumento da participação social e a redução da dependência e dos custos com cuidado hospitalar (CUSACK, 1995; CUSACK;; HAMMOND, 2004; HANSEN, 2004; NIACE, 2002; THOMPSON, 2003).

Da mesma maneira, Menec (2003) diz que a participação em atividades físicas e mentais é importante para uma boa saúde e o bem estar dos idosos. Neste artigo, a educação formal e a informal serão definidos da seguinte forma: a educação formal, normalmente é organizada por instituições educacionais e não-educativas em forma de cursos, oficinas, seminários e palestras. Mais especificamente, as atividades organizadas por instituições não-educativas são referidas como educação não-formal, que é tipicamente de curto prazo (MERRIAM; CAFFARELLA; BAUMGARTNER, 2007). A educação informal (também conhecida como aprendizagem informal) é normalmente autoplanejada, na qual a aprendizagem individual ou em grupos acontece de várias maneiras, utilizando uma variedade de recursos (SPENCER, 2006).

As mulheres idosas tendem a participar mais em atividades educativas do que os homens idosos, porque a maioria da população idosa é composta por mulheres (NIACE, 2002, 2006). No entanto, as diferenças de gêneros na expectativa de vida irão diminuir nos próximos anos (TURCOTTE; SCHELLENBERG, 2007), sugerindo que homens e mulheres participarão igualmente nas atividades educativas. Compreender a participação dos alunos idosos em atividades educacionais é útil para a gerontologia educacional, para a educação permanente e futuras pesquisas.

Envelhecimento Bem Sucedido

Estudos sobre o envelhecimento bem sucedido seguem duas correntes: (a) mede o estado funcional em clínicas de estudos de envelhecimento bem sucedido, (b) teorias psicológicas que explicam a adaptação ao processo de envelhecimento. Na primeira, o envelhecimento bem sucedido inclui atividades físicas, boa alimentação, estilo de vida para uma função cognitiva efetiva e habilidades de adaptação na velhice (TATE; LAH; CUDDY, 2003). Esses estudos também oferecem uma base teórica para o bem-estar na velhice. Nesta perspectiva, o envelhecimento bem sucedido é visto como a prevenção de doenças, elevada capacidade cognitiva e engajamento com a vida (ROWE; KAHN, 1997). Esses fatores clínicos distinguem o envelhecimento entre o “normal” e o “bem-sucedido”, assim como saudável ou não patológico. Esta visão mostra que com a ausência de doença ou deficiência, está tudo bem, e que a presença de doença significa fracasso pessoal (TATE *et al.*, 2003).

Assim, na corrente psicológica, o envelhecimento bem sucedido dos idosos usa três estratégias adaptativas (seleção, otimização e compensação) para lidar com o processo de envelhecimento. Quando eles enfrentam limitações físicas e cognitivas, selecionam e priorizam seus comportamentos, se engajam em comportamentos que aumentam suas habilidades físicas e mentais, e usam estratégias psicológicas e tecnológicas para se ajustar e adaptar (BALTES; BALTES, 1990). Este modelo compensatório de envelhecimento bem sucedido sugere que os indivíduos maximizam os pontos fortes e minimizam os pontos fracos para atingir resultados positivos (TATE et al., 2003). Portanto, envelhecimento bem sucedido é visto como o ajuste deliberativo para o processo de envelhecimento e o uso de estratégias adaptativas para envelhecer bem (TORRES, 2002; TATE *et al.*, 2003).

Os avanços tecnológicos, da saúde e da educação têm contribuído para uma grande mudança no pensamento sobre o envelhecimento e aposentadoria. Os baby boomers (pessoas nascidas na década de 50) formam o grupo etário que está chegando na velhice com níveis mais elevados de educação, vivendo com melhor qualidade de vida, procurando oportunidades de viajar, manter a carreira (DENTON; FEATHER; SPENCER, 1998; NOVAK, 1997; NOVAK; CAMPBELL, 2001; STATISTICS CANADA, 1997), e cuidar dos pais idosos, ou filhos e netos. Para muitos idosos, a aposentadoria proporciona oportunidades de continuarem trabalhando, podendo mudar de carreira e permanecer no mercado de trabalho voluntariamente (IMEL, 2003). Os idosos também se deparam com os fenômenos relacionados com o envelhecimento, como o aumento do tempo para o lazer, mudança nos requisitos da habitação, a saúde em declínio, a morte do cônjuge e as finanças reduzidas (WOLF, 1994). Esses múltiplos fatores indicam que a participação dos idosos na educação pode ser por uma variedade de razões e podem contribuir para um envelhecimento bem sucedido.

Educação e Envelhecimento Bem Sucedido

A educação tem o potencial de melhorar todos os resultados da saúde (HAMMOND, 2004) e também está relacionada com uma gama de comportamentos, atitudes e fatores socioeconômicos. Um dos mais significativos indicadores associados a um estilo de vida saudável é a realização educacional, ou seja, quanto maior o nível de escolaridade, maior a probabilidade de estar ativo fisicamente e mentalmente. Aqueles com ensino superior têm, geralmente, melhor saúde, níveis de renda mais altos e menor probabilidade de isolamento social (TURCOTTE; SCHELLENBERG, 2007). A educação inicial é um preceptor da participação dos idosos na educação, isto é, aqueles com ensino médio ou abaixo disso, são menos propensos a se envolver na educação formal (NIACE, 2002, 2006).

Nos próximos anos, a proporção de idosos com grau universitário ou pós-graduação irá aumentar significativamente à medida que a geração Baby Boomer substitui a atual geração de idosos (TURCOTTE; SCHELLENBERG, 2007). Assim, mudanças na estrutura etária, nos padrões de perfil profissional/educacional e de saúde, influenciam o significado e a experiência de ser idoso (PHILLIPSON, 1998), e são suscetíveis de influenciar a participação social, educacional, no mercado de trabalho e aposentadoria (TURCOTTE; SCHELLENBERG, 2007).

A autopercepção da saúde é também um dos preditores mais fiáveis do estado de saúde. De acordo com Menec (2003), este é ainda mais confiável do que as medidas de capacidade funcional, doenças crônicas, e bem-estar psicológico. No entanto, um dos mais fortes indicadores

da autopercepção da saúde e outros indicadores de saúde, é o nível de educação. Em todas as faixas etárias, especialmente a próxima geração de idosos, quanto maior o nível de instrução, maior a probabilidade de relatar uma saúde excelente ou muito boa. Conseqüentemente, é útil para avaliar a participação dos idosos em atividades educativas em relação ao envelhecimento bem sucedido.

Participação e Envelhecimento Bem Sucedido

A literatura relacionada ao envelhecimento bem sucedido suporta a teoria da atividade. De acordo com Menec (2003), a teoria da atividade conceitua como positiva a relação entre atividade e envelhecimento bem sucedido, em que a participação ativa em conjunto com a ausência de doenças e funções física e cognitivas boas, são essenciais para um envelhecimento bem sucedido. O engajamento ativo é visto como uma atividade produtiva, remunerada ou não, que tem um valor social e mantém relações interpessoais. Em seu estudo longitudinal, Menec (2003) examinou a natureza das atividades diárias (social - visitando família e amigos; solitário - passatempos; e produtivos - trabalho voluntário ou trabalho em casa, como jardinagem, por exemplo) como um processo contínuo que traz benefícios para uma ampla gama de domínios na idade adulta, incluindo a saúde, bem-estar e funcionamento físico e cognitivo. Uma conclusão deste estudo é que o envelhecimento bem sucedido não é um resultado que caracteriza aqueles que envelheceram com sucesso, mas sim, como parte de um processo contínuo ao longo da vida.

Com base na pesquisa (BALTES, 1997; HECKHAUSEN; SCHULZ, 1995), Menec (2003) argumentou que os respondentes usaram métodos compensatórios para manter seu bem-estar psicológico em face às perdas relacionadas à idade. Ela também concluiu que a satisfação com a vida está significativamente relacionada à atividade, apesar da satisfação de vida pode ser visto como um precursor ao invés de uma consequência da atividade. Enquanto a atividade é relacionada como geradora de saúde e bem-estar, ela também está relacionada à redução da mortalidade precoce. A teoria da atividade indica que o envelhecimento bem-sucedido, incluindo a satisfação de vida, bem-estar e a autonomia, leva à falta de doença. A conclusão é que a má saúde não é um processo inevitável e as pessoas podem tomar precauções para garantir um envelhecimento bem sucedido (BYRNES; DILLAWAY, 2004).

No entanto, o bem-estar dos idosos pode envolver uma importante transformação de perspectiva, do controle da própria vida e da situação de saúde externa para a interna (Wolf, 1993). As saúdes física e mental são vistas como inter-relacionadas e dois dos mais importantes determinantes do bem-estar. Os recursos financeiros são também relacionados com a saúde e a possibilidade de ser ativo com a idade. Portanto, a participação ativa em todos os tipos de atividades, incluindo a educação, depende de uma série de fatores que não se limitam à saúde física e mental, e recursos financeiros. Outros fatores importantes que influenciam a saúde e o bem-estar dos idosos são: nível de escolaridade, as redes sociais, suporte social e participação social (TURCOTTE; SCHELLENBERG, 2007). Os idosos, no entanto, vivenciam barreiras e questões motivacionais para a participação em todas as atividades, incluindo as educativas, que podem ter implicações para o envelhecimento bem sucedido.

Barreiras e Motivação para a Participação em Atividades Educacionais

Os esforços para incentivar a participação normalmente começam com a remoção das barreiras e da oferta de oportunidades. Outros estudos têm oferecido uma abordagem

sociológica aos desafios que inibem a participação e integração. Isto sugere a necessidade de mudança estrutural e comunitária, baseada no empoderamento do idoso (BEDER, 1991; CERVERO; KIRKPATRICK, 1990; QUIGLEY, 1990) para aumentar o acesso, participação e sucesso dos grupos.

Ocorre uma escassez de pesquisas sobre idosos que participam de atividades educacionais, incluindo a pouca informação sobre suas características de envelhecimento bem-sucedido e pouca ou nenhuma evidência para apoiar os benefícios dessas atividades para a sua saúde e bem-estar (SCHULLER; BOSTYN, 1992; SLOANE-SEALE; KOPS, 2004, 2007). Este estudo apresenta análises descritivas de dados demográficos e analisa a natureza das atividades de ensino para uma variedade de domínios do envelhecimento, incluindo a saúde, bem-estar e envelhecimento bem sucedido. Ele também fornece alguma direção para a gerontologia educacional, a aprendizagem ao longo da vida, a prática da educação continuada e para pesquisas futuras.

METODOLOGIA

Este documento fornece um retrato dos idosos em Manitoba, incluindo o seu perfil demográfico, a participação em atividades educacionais, e relações para características de envelhecimento bem sucedido. Uma pesquisa estruturada, com perguntas abertas examinaram esses fatores em um esforço para descrever esses alunos, identificar as atividades de ensino escolhidas, motivação e barreiras para a aprendizagem, e descrever uma relação entre a participação em atividades educativas e de envelhecimento bem sucedido.

A metodologia Survey de pesquisa foi utilizada para coletar os dados (BABBIE, 1995; CRESWELL, 2009; DELEEUW, 1992). O instrumento de pesquisa continha itens estruturados para coletar dados demográficos, informações sobre experiências de aprendizagem e as características de envelhecimento bem sucedido. Uma série de itens foram retirados de instrumentos de pesquisa existentes (AARP PESQUISA SOBRE APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA, 2000; LAMDIN; FUGATE, 1997; SLOANE-SEALE; KOPS, 2004, 2007) e de temas de um estudo qualitativo (SLOANE-SEALE; KOPS, 2008).

Participantes da Pesquisa

O estudo consistiu de uma amostra aleatória estratificada de 1.000 entrevistados, extraídos dos endereços residenciais em Manitoba (Canadá). Portanto, aqueles em instalações de saúde, incluindo cuidados pessoais e/ou asilos foram excluídos da pesquisa. Os entrevistados foram estratificados com base na localização (urbana e rural), sexo e idade (a partir de 55 anos). Etnia e raça não foram incluídas nas perguntas da pesquisa. A taxa de resposta foi de 32% com base em 321 inquéritos concluídos. Os entrevistados foram solicitados a identificar-se tanto como participantes ou não participantes em atividades educativas nos últimos dois anos. Do total, 221 entrevistados se identificaram como participantes (69%) em atividades de educação.

Análise dos Dados

O instrumento de pesquisa constou de perguntas que foram organizados em 5 grupos: 1) dados demográficos, 2) atividades de educação, 3) Motivação e barreiras à parti-

cipação, 4) bem-estar e saúde; e 5) características de envelhecimento bem-sucedido e participação em atividades de aprendizagem. Os dados foram coletados, codificados e analisados através do Programa Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS). No entanto, a amostra foi muito pequena para determinar a significância estatística, por isso, apenas a análise descritiva é apresentada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Demografia

No geral, a maioria dos entrevistados era de classe média, mulheres, na faixa etária entre 55 e 69 anos, casadas, com escolaridade e aposentadas. A metade dos entrevistados possuía renda familiar de US\$ 40.000/ano ou superior. Enquanto quase dois terços eram aposentados, cerca de um terço era empregado em tempo integral ou parcial, ou donos de seus negócios próprios, com cerca de metade dos entrevistados envolvidos na atividade voluntária. Estes resultados são consistentes com a literatura que sugere que há mais mulheres idosas do que homens porque as mulheres vivem mais que os homens. Além disso, aqueles com níveis mais altos de educação têm melhores resultados socioeconômicos, tais como melhores empregos, maior renda (TURCOTTE; SCHELLENBERG, 2007), e eles também são suscetíveis de ser mais ativo em trabalhos voluntários e em outras atividades. Os dados sugerem que os programas educacionais são importantes para atender às necessidades dos idosos.

Atividades Educacionais

Os resultados indicam que os entrevistados que se autoidentificam como aprendizes ativos (isto é, aqueles que participaram de atividades educativas nos últimos dois anos) disseram que essas atividades são relevantes e significativas para a sua saúde e bem-estar. Eles se engajaram mais em atividades educacionais relacionadas ao lazer (concertos domésticos, história familiar e viagens), saúde (nutrição e esportes) e desenvolvimento pessoal (religião e autodescoberta). Os temas relacionados a computadores e arte (música, dança, fotografia, artesanato) também foram muito citados. Enquanto temas relacionados ao planejamento financeiro e literatura, (línguas, teatro, redação de jornal), política, história e sociologia e ciência foram menos citados.

Os entrevistados indicaram que foram motivados a participar de atividades educativas por uma série de razões. As razões mais frequentes eram por interesse, por alegria de aprender, para preencher o tempo de forma produtiva e para conhecer pessoas e se socializar. Outras razões citadas foram para lidar com um evento de vida como uma morte na família, e para preencher lacunas na educação anterior. Estes resultados são consistentes com a literatura que sugere que na atividade educacional os idosos querem experiências de aprendizagem que sejam significativas, relevantes e úteis para suas vidas (KNOWLES, 1980). Além disso, a motivação para a aprendizagem se alinha com a tipologia desenvolvida por Houle (1961), que agrupam a motivação como: a aprendizagem como uma atividade, a busca do conhecimento para seu próprio bem. As barreiras para a aprendizagem citadas pelos entrevistados foram agrupadas em torno do tempo e dinheiro (despesas de programas). Barreiras relacionadas à falta de informação do programa; falta de motivação e falta de confiança na capacidade

também foram identificados. As barreiras vão ao encontro das categorias sugeridas por Cruz (1981), as barreiras especificamente relacionadas à disposição, situacional e institucional.

As motivações e as barreiras sugerem que a programação educativa para idosos deve ser significativa e relevante. Deverá também fornecer uma variedade de opções educacionais para satisfazer as necessidades de conhecimento, dinheiro e barreiras de informação. Envolver os idosos na determinação das necessidades educacionais pode ser uma estratégia de engajamento útil para ajudar a tornar explícitos os seus motivos para aprender e enfrentar as barreiras que limitam a sua participação.

Em geral, os entrevistados registraram um alto nível de participação nas atividades educativas. A maioria dos participantes desta pesquisa indicou que eles estavam satisfeitos com suas atividades educacionais, e salientaram a importância das oportunidades educacionais quando se aposentam.

Saúde e Bem-Estar

Através dos resultados de autopercepção da saúde e bem-estar, a grande maioria dos respondentes indicou que estavam felizes e interessados, satisfeitos com a vida, e com a saúde regular (ocasionalmente impedido de fazer algumas atividades). Estes resultados são consistentes com a literatura que sugere que a autopercepção da saúde e bem-estar, é um dos preditores mais fiáveis do estado de saúde (MENEC, 2003).

Dessa maneira, o idoso saudável, feliz, interessado, com escolaridade e ativo ao longo da vida, tem ideias claras do que e por que aprender, quanto tempo eles dedicam à aprendizagem, tornando a aprendizagem satisfatória. Os alunos idosos tornaram-se uma população-alvo, e as mudanças demográficas continuam a influenciar nas decisões dos educadores. Além disso, sua sabedoria interfere nas decisões de desenvolvimento do programa de optar por arranjos participativos na concepção e execução dos programas para os idosos.

Características de um Envelhecimento Bem Sucedido e Educação

Estes resultados são consistentes com a literatura sobre envelhecimento bem sucedido e teoria da atividade, que indica que, uma maior participação em atividades do cotidiano resulta em uma chance maior de envelhecimento bem-sucedido (MENEC; CHIPPERFIELD, 1997a e 1997b). Além disso, as descobertas se encaixam com a mesma literatura sobre envelhecimento bem sucedido e *locus* de controle (BALTES, 1997; BALTES; BALTES, 1990), que indicou que os idosos se ajustam às mudanças de vida melhor quando têm um maior sentimento de controle interno. Além de sua participação ativa em atividades educacionais, esses entrevistados eram também fisicamente, mentalmente e socialmente ativos. Embora a atividade física e social confirme a noção de Menec (2003) de engajamento ativo e construção de relacionamento interpessoal, a atividade mental expande o conceito de envelhecimento bem-sucedido.

Esses idosos relataram sentirem-se independentes, com bom humor, curiosos e com visão positiva da vida, características que se encaixam com uma autopercepção positiva. Um bom senso de humor, curiosidade e pensamento positivo expandem o conceito de envelhecimento bem sucedido. Assim, com base no envelhecimento bem sucedido (ROWE; KAHN, 1997), esses idosos relataram ter uma visão espiritual da vida com um interesse na

renovação e crescimento pessoal, e uma conexão mais ampla com a comunidade, ao invés de serem desligados e retirados da vida. Ou seja, eles não são apenas fisicamente, socialmente e mentalmente envolvidos, mas também estão buscando a espiritualidade ou a conectividade com o sagrado. Eles também relataram serem flexíveis e adaptáveis. A importância da adaptabilidade e flexibilidade para o envelhecimento bem-sucedido se funde com os mecanismos de compensação, descritos na literatura, que sugerem que os idosos busquem estratégias alternativas para realizar tarefas (BALTES, 1997; BALTES; BALTES, 1990). Eles também viram a si mesmos como sendo orientados para o futuro com metas para a vida. Finalmente, os entrevistados confirmaram que a participação na educação é muito importante para um envelhecimento bem sucedido.

Ao encontro de dos “3 As” do envelhecimento bem sucedido de Menec (atividade, adaptabilidade e atitude), a teoria do tempo de vida (BALTES, BALTES, 1997; BALTES E BALTES, 1990), a perspectiva espiritual, a atividade mental e social positivas, a autopercepção e participação em atividades educacionais são fatores importantes para um envelhecimento bem sucedido. Esses fatores sugerem que o envelhecimento bem-sucedido pode ser mais complexo e variado do que o definido na literatura atual, e também podem fazer parte de um processo de aprendizagem ao longo da vida, com benefícios para a saúde e bem-estar e não um resultado de ter envelhecido com sucesso (MENEK, 2003). Em geral, isso sugere uma abordagem mais abrangente para examinar as características de envelhecimento bem-sucedido e a participação nas atividades educacionais, que estão além do escopo deste trabalho e sujeito à pesquisas futuras.

CONCLUSÃO

Os dados descritivos sugerem ligação entre a participação em atividades de educação e envelhecimento bem sucedido. Os resultados oferecem uma imagem dos idosos como aprendizes ativos que estão satisfeitos com a vida e com boa saúde, e demonstram as características de envelhecimento bem sucedido. Menec (2003) atribui a participação em atividades cotidianas para o envelhecimento bem sucedido, e com base neste estudo, pode-se especular que a participação em atividades educacionais está ligada ao envelhecimento bem sucedido.

Além da adaptabilidade, da atitude e da atividade, identificados por Menec (2003) como características de envelhecimento bem sucedido, este estudo validou uma série de outras características, tais como, o desenvolvimento de redes sociais, a autopercepção positiva, ter um foco espiritual e perspectivas sobre a vida. Estas características de envelhecimento bem-sucedido podem ser parte de um processo, e não um resultado de ter envelhecido com sucesso e participado em atividades educacionais, com benefícios para a saúde e bem-estar. Em suma, eles podem ser não apenas os precursores, mas também aspectos inter-relacionados de envelhecimento bem-sucedido que são adquiridos e desenvolvidos durante a vida e facilitadores do envelhecimento bem sucedido. No entanto, um dos fortes preditores sócio-econômicos, da saúde e do bem-estar é o nível de educação (TURCOTTE & SCHELLENBERG, 2007). Os entrevistados que são ativos em atividades educacionais relataram a saúde e o bem-estar como excelentes. A maioria indicou que eles estão felizes, interessados na vida, muito satisfeitos com suas vidas e ativamente engajados em uma ampla variedade de atividades.

Estes dados são consistentes com o quadro apresentado na literatura relacionada sobre idosos ativos (AARP PESQUISA SOBRE APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA, 2000; THOMPSON; FOTH, 2002), particularmente com referência à geração *baby-boom* do envelhecimento. Esta visão positiva das capacidades e recursos dos idosos é uma importante mudança filosófica de uma nova política de envelhecimento, que visa incentivar a contínua contribuição dos idosos ao longo da vida. A participação dos idosos em atividades educacionais é um componente importante para novas perspectivas políticas, para incentivar o envelhecimento bem sucedido. A aprendizagem ao longo da vida como uma estratégia de mudança social coincide com a nova perspectiva política que desencoraja a dependência dos idosos e encoraja a produtividade continuada, a saúde e a autosuficiência dos idosos (TREAS; HILL, 2009). O aumento escolaridade leva a uma maior participação em todas as atividades, incluindo atividades educacionais e melhorias na saúde mental, espiritual, física e o bem-estar (EBERSOLE; HESS, 1990; HAMMOND, 2004; WITHNALL, 2006). Estes resultados podem contribuir para uma discussão mais aprofundada sobre gerontologia educacional e política de aprendizagem ao longo da vida, bem como reformular e desenvolver novas abordagens para a prática de educação continuada e de pesquisa que reconhece e inclui o envelhecimento como uma parte importante desta equação.

Os resultados sugerem também, novas pesquisas sobre a relação entre participação em atividades educativas e características de envelhecimento bem sucedido. Outra sugestão é que essas pesquisas podem focar os idosos que não participam de atividades educacionais. Há também uma necessidade de estudos adicionais para examinar a etnia dos idosos, a diversidade e as novas populações imigrantes em Manitoba e Canadá.

LEARNING THE RELATIONSHIP BETWEEN OLD AND SUCCESSFUL AGING

Abstract: this research analyzed the participation of students from Manitoba elderly, and educational activities in relation to this investment successful aging. Participation in educational activities is important for a more inclusive and comprehensive understanding of successful aging, spirituality and life planning are key to successful aging.

Keywords: *Learning. Aged. Aging.*

Referências

AARP SURVEY ON LIFELONG LEARNING. Boomers and retirees eager to learn on their own terms. Washington, DC: American Association of Retired Persons, 2000.

BALTES, P. B. On the incomplete architecture of human ontogeny: Selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. *American Psychologist*, v. 52, 1997. p. 366-380.

BALTES, P. B.; BALTES, M. M. *Successful aging: Perspective from the behavioral sciences*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1990.

BEDER, H. *Adult literacy: Issues for policy and practice*. Malabar, FL: Krieger, 1991.

BOSHIER, R. Motivational orientations of adult education participants: A factor analytic exploration of Houle's typology. *Adult Education*, v. 21, 1971. p.3-26

- BYRNES, M.; DILLAWAY, H. Who is “successful” at aging?: A critique of the literature and a call for more inclusive perspectives. Paper presented at the American Sociological Association, San Francisco, CA, 2004.
- CERVERO, R. M.; KIRKPATRICK, T. E. The enduring effects of family role and schooling on participation in adult education. *American Journal of Education*, v. 99, n. 1, 1990. p. 77-94.
- CITY OF WINNIPEG. 2006 Census Data-City of Winnipeg, Winnipeg, Manitoba, 2006.
- Creswell, J. W. *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. 3. ed. Los Angeles: Sage, 2009.
- CROSS, P. K. *Adults as learners*. San Francisco: Jossey-Bass, 1981.
- CUMMING, E.; HENRY, W. E. *Growing old: The process of disengagement*. New York: Basic Books, 1961.
- CUSACK, S.A. Developing a lifelong learning program: Empowering seniors as leaders in lifelong learning. *Educational Gerontology*. v. 21, n. 4, 1995. p. 305-320.
- CUSACK, S. A.; THOMPSON, W. J. A. Mental fitness for life: Assessing the impact of an 8-week mental fitness program on healthy aging. *Educational Gerontology*. v. 29, 2003. p.393-403.
- DELEEUEW, E. D. Data quality in mail, telephone and face-to-face surveys. ERIC Document Reproduction Service, 1992.
- DENTON, F.T.; FEAVER, C.H.; SPENCER, B.G. The future population of Canada its age distribution and dependency relations. *Canadian Journal on Aging*, v. 17, n. 1, 1998. p. 83-109
- EBERSOLE, P.; HESS, P. *Toward healthy aging: Human needs and nursing response*. St. Louise: The C.V. Mosley Company, 1990.
- FLEMING, F. Manitoba’s Creative Retirement Program (Unpublished article). Winnipeg, Manitoba, 1996.
- HAMMOND, C. Impacts of lifelong learning upon emotional resilience, psychological and mental health: Fieldwork evidence. *Oxford Review of Education*, v. 30, n. 4, 2004. p.551-568.
- HANSEN, C. *Chrysalis 2004: Examining the role of senior centers in the 21st century*. Seniors Recreation Programmers Conference. Richmond, British Columbia, 2004.
- HECKHAUSEN, J.; SCHULZ, R. A life-span theory of control. *Psychological Review*, v. 102, 1995. p.284-304.
- HOULE, C. *The inquiring mind*. Madison: University of Wisconsin Press. 1961.
- IMEL, S. Career development of older adults. ERIC Clearinghouse on Adult Career and Vocational Education, 1-7, Columbus, Ohio, 2003.
- KNOWLES, M. S. *The modern practice of Adult Education: From pedagogy to andragogy*. 2. ed. New York: Cambridge Books, 1980.
- LAMDIN, L.; FUGATE, M. *Elderlearning: New frontier in an aging society*. American Council on Education Series on Higher Education. Phoenix AZ: Oryx, 1997.
- MERRIAM, S.; CAFFARELLA, R.; BAUMGARTNER, L. *Learning in adulthood: A com-*

prehensive guide. 3. ed. New York: Wiley, 2007.

MENEC, V. H. The relation between everyday activities and successful aging: A 6-year longitudinal study. *Journal of Gerontology Social Sciences*, v. 58B, n. 2, 2003. S74-S82.

MENEC, V. H.; CHIPPERFIELD, J. G. Remaining active in later life: The role of locus of control in Seniors' leisure activity participation, health, and life satisfaction. *Journal of Aging and Health*, v. 9, n. 1, 1997a. p.105-125

MENEC, V. H.; CHIPPERFIELD, J. G. The interactive effect of perceived control and functional status on health and mortality among young-old and old-old adults. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, v. 52B, n. 3, 1997b. p.118-126.

NATIONAL INSTITUTE OF ADULT CONTINUING EDUCATION (NIACE) Briefing Sheet-32. Older people and learning-some key statistics, Leicester, England, 2002. pp. 1-12.

NATIONAL INSTITUTE OF ADULT CONTINUING EDUCATION (NIACE) Briefing Sheet-69. Older people and learning-key statistics 2005, Leicester, England, 2006. p. 1-17.

NOVAK, M. *Ageing and society: A Canadian perspective*. 3 ed. Nelson: Toronto, 1997.

NOVAK, M.; CAMPBELL, L. *Ageing and society: A Canadian perspective*. 4. ed. Scarborough. ON: Nelson, 2001.

PINTRICH, P. R.; SCHUNK, D. H. *Motivation in education: Theory, research, and applications*. New Jersey, Merrill: Englewood Cliffs, 1996.

QUIGLEY, A. B. Hidden logic: Reproduction and resistance in adult literacy and adult basic education. *Adult Education Quarterly*, v. 40, n. 2, 1990. p.103-115

ROWE, J.; KAHN, R. Successful aging. *The Gerontologist*, v. 37, 1997. p.433-441.

RUBENSON, K. Participation in recurrent education: A research review. Paper presented at meetings of National Delegates on Developments in Recurrent Education, Paris, 1977.

SCANLAN, C. L. Deterrents to participation: An Adult Education dilemma. National Center Publications, National Center for Research in Vocational Education, Columbus, OH (ED 272 768), 1986.

SCHULLER, T.; BOSTYN, A.M. Learning: Education, training and information in the Third Age. Carnegie Inquiry into the Third Age, Research Paper n. 3, Dunfermline, Carnegie UK Trust, 1992.

SPENCER, B. *The purposes of Adult Education: A short introduction*. Thompson Educational Publishing Inc: Toronto, 2006.

SLOANE-SEALE, A.; KOPS, B. Creative retirement: Survey of older adults' educational interests and motivations. *Canadian Journal of University Continuing Education*, v. 30, n. 2, 2004. p. 73-89.

SLOANE-SEALE, A.; KOPS, B. Older adult learners: A comparison of active and non-active learners. *Canadian Journal of University Continuing Education*, v. 33, n. 1, p. 17-34, 2007.

SLOANE-SEALE, A.; KOPS, B. Older adults in lifelong learning: Participation and successful ageing. *Canadian Journal of University Continuing Education*, v. 34 n. 1, 2008. p. 37-62.

STATISTICS CANADA. *A portrait of seniors in Canada*. Cat. No. 89-519. Ottawa: Minister

of Supplies and Services, 1997.

SVINICKI, M. D. *From theory to practice: Considering motivational factors in learning.* Presentation to University of Manitoba academic staff, Winnipeg, Manitoba, October, 2000.

TATE, R. B.; LAH, L.; CUDDY, T. E. Definition of successful aging by elderly Canadian males: The Manitoba follow up study. *The Gerontologist*, v. 43, n. 5, 2003. p.735-744.

TISDELL, E. J. Spirituality and adult learning in Wiley Periodicals, Inc. Published online in Wiley InterScience, 2008.

THOMPSON, G.; FOTH, D. *Stand aside! The boomers are coming! Trends in older adult education.* Paper presented at the 49th Annual Conference, Canadian Association for University Continuing Education Conference (CAUCE), June 2-5, Halifax, Nova Scotia, 2002.

Tornstam, L. Transcendence in later life. *Generation*, v. 23, 2000. p.10-15.

TORRES, S. Relational Values and ideas regarding "successful aging." *Journal of Comparative Family Studies*, v. 33, 2002. p.417-432.

TREAS, J.; HILL, T. *Social trends and public policy in an aging society.* In M.C. Smith with DeFrates-Densch (Eds.). Handbook of research on adult learning and development. New York: Routledge, 2009.

TURCOTTE, M.; SCHELLENBERG, G. *A portrait of seniors in Canada 2006. Statistics Canada.* Catalogue no. 89-519, p. 1-301, Ottawa, Ontario: Canada Social and Aboriginal Statistics Division. Disponível em: <http://statcan.ca>, 2007.

WITHNALL, A. Exploring influences on later life learning. *International Journal of Lifelong Education*, v. 25, n. 1, 2006. p. 29-49.

WOLF, M. A. *Learning: Meeting the challenges of older adulthood.* Paper presented at the Annual Meeting of the American Association for Adult and Continuing Education, November 19, Dallas, Texas (ED 366 748), 1993.

WOLF, M. A. *Older adults: Learning in the third age.* Information Series n. 358. ERIC Clearinghouse on Adult, Career, and Vocational Education. Columbus, Ohio, 1-67 (ED 375 324), 1994.